

O PATRIMÔNIO COMO IMAGEM E REFLEXO DA CIDADE

William de Souza Vieira*

Resumo: Apresentamos uma reflexão sobre o patrimônio cultural, o tombamento do Cine Palácio Campo Grande, patrimonializado por um decreto municipal, mostrando a interferência do poder público e o desejo da coletividade. Atualmente no prédio funciona uma Igreja Universal. Para Jeudy, o patrimônio reflexivo representa a sociedade em que está inserido, os monumentos são reflexos inteligíveis da história, da cultura de uma sociedade. A patrimonialização será tratada a partir das contribuições desse autor, seja para problematizarmos o reflexo da imagem que este patrimônio pode espelhar sobre a cidade, seja para discutir as interferências dos centros urbanos em questões patrimoniais. Utilizaremos contribuições de Ribeiro, no que diz respeito à relação entre a modernidade, cidade e cinema e de Caiafa em relação às diversas formas de ocupação e esvaziamento das cidades.

Palavras-chave: Patrimônio cultural; Cidade; Cinema.

Abstract: We present a reflection on the cultural heritage, the tipping of the Cine Palace Campo Grande, preserved by a municipal decree, showing the interference of public power and the desire of the community. Currently working on building a universal Church. For Jeudy, the property is reflective of society to which he belongs, the monuments are understandable reflections of history, culture of a society. The preservation will be dealt with contributions from this author, is to questioning reflects the image that this heritage can mirror over the city, is to discuss the interference of urban centres in property issues. Use contributions from Ribeiro, regarding the relationship between modernity, city and film and Caiafa for various forms of occupation and emptying the cities.

Keywords: Cultural heritage; City; Cinema.

Introdução

O presente trabalho é fruto da pesquisa realizada atualmente no curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Memória Social da UNIRIO sobre a memória e o processo

* Licenciado em História e mestrando em Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro/Programa de Pós-Graduação em Memória Social.

de tombamento do Cine Palácio Campo Grande, localizado na Zona Oeste do município do Rio de Janeiro.

O antigo prédio do Cine Palácio Campo Grande está localizado no bairro de Campo Grande na zona oeste da cidade do Rio de Janeiro. Inaugurado no dia 09 de agosto de 1962, com 1.950 lugares, funcionou como cinema até o dia 30 de setembro de 1990, quando a sua capacidade já havia sido reduzida para cerca de 1.749 lugares. Atualmente no prédio funciona o templo de uma Igreja Universal do Reino de Deus, que se encontra tombado provisoriamente pelo Patrimônio Municipal sob o decreto nº. 9862-A de 28 de novembro de 1990, que em seu texto define que o mesmo mantenha as características que o identifiquem como espaço cinematográfico.

O Cine Palácio Campo Grande foi durante boa parte da década de 1980 considerado o maior cinema da cidade do Rio de Janeiro. O cinema apresenta uma característica bastante peculiar dos cinemas de rua do passado, o seu tamanho. O seu interior bastante simples possuía duas entradas laterais em forma de rampa que conduzia o espectador para o interior da sala, muito grande com poltronas estofadas posicionadas em forma de anfiteatro, com dois balcões laterais e uma parte traseira mais alta que o restante da sala, o que possibilitava sempre uma ótima visão da tela sem aquele problema de alguém ficar a sua frente. Os 1749 lugares da sala garantiam conforto àqueles que assistiam aos filmes no cinema. Atualmente o prédio é de propriedade da Igreja Universal do Reino de Deus, que manteve elementos característicos do cinema, como a fachada, por exemplo, que praticamente é a mesma, o interior com as poltronas também foi mantido, mas a *bomboniere* e os banheiros foram modificados, bem como a bilheteria e a sala de projeção desapareceram.

A venda do Cine Palácio Campo Grande para a Igreja Universal desencadeou uma mobilização na comunidade de Campo Grande que resultou no processo que levou ao tombamento do prédio no final do ano de 1990, através de um decreto municipal publicado em Diário Oficial. O processo de tombamento é composto de diversos documentos que fazem referência à importância do prédio e à conseqüente necessidade de seu tombamento. Foram levantados também recortes de jornais da época, entre os meses de setembro e novembro de 1990, sobre o cinema, seu fechamento e sua importância para a comunidade de Campo Grande e adjacências. Consta ainda do processo de tombamento o Decreto que patrimonializa o prédio datado de novembro de 1990. Este processo encontra-se nos arquivos do Instituto do Patrimônio Cultural do Município do Rio de Janeiro.

O fim dos cinemas de rua foi uma constante nas décadas de 1980 e 1990, elemento que nos remete a questão da cidade moderna, e principalmente aquilo que Caiafa (2007) chama de esvaziamento das ruas, por conta de uma não ocupação dos espaços públicos, da construção de um modelo de vida e de relacionamentos que afastam as pessoas de uma convivência coletiva, principalmente nos espaços de entretenimento e de circulação.

A cidade como se apresenta nas últimas décadas do século XX e neste início de século XXI nos chama para uma reflexão sobre as mudanças ali processadas, seja pelo seu crescimento – característica do final do século XIX – seja pela difusão de um modelo de vida cada vez mais recluso que tem início no final do século XX. Nesse período tanto veremos o *boom* das salas de cinema quanto encontraremos o declínio dos cinemas de rua; o esvaziamento dos espaços públicos que durante muito tempo eram uma espécie de prolongamento da vida urbana e assim como a diminuição dos indivíduos em circulação pelas ruas das cidades. Os cinemas foram fechando e desaparecendo dando lugar a salas menores nos espaços fechados dos *shoppings*.

O reflexo da cidade: Cinema e Patrimônio

O conceito de patrimônio é encontrado com mais frequência nas sociedades ocidentais. Confunde-se com o mesmo o desejo de preservar, de manter viva a memória seja dos bens materiais produzidos por sociedades diversas, seja o que se denomina hoje imaterial ou intangível originário de práticas culturais como a culinária, a música, enfim elementos diversos construídos por grupos humanos sejam eles urbanos ou rurais.

Do ponto de vista dos modernos, a categoria “patrimônio” tende a aparecer com delimitações muito precisas. É uma categoria individualizada, seja como patrimônio econômico e financeiro, seja como patrimônio cultural, seja como patrimônio genético etc. Nesse sentido, suas qualificações acompanham as divisões estabelecidas pelas modernas categorias de pensamento: economia, cultura, natureza etc. [...] (GONÇALVES, 2003: 23)

No Brasil, a patrimonialização cabe a instituições governamentais, podendo ser encontrada nas três esferas governamentais. É efetivamente o governo quem determina o tombamento ou não, ou seja, a política patrimonial brasileira é concretamente deliberada pelo Estado. Mesmo que em muitos casos o tombamento só ocorra pela mobilização de determinada comunidade ou grupo esse processo acaba por conseguir a atenção dos órgãos responsáveis pelas políticas de patrimônio.

O Cine Palácio Campo Grande foi tombado pelo Instituto do Patrimônio Cultural da cidade do Rio de Janeiro, ou seja, um órgão público municipal que determinou que um prédio privado devesse ser considerado patrimônio cultural, pela sua importância para a comunidade de Campo Grande, Zona Oeste do Rio de Janeiro. A questão destacada é exatamente a de que a patrimonialização de um cinema numa cidade com outras salas também importantes, se dá exatamente pelo poder público, determinando que um espaço cinematográfico seja mais importante que os outros.

Uma análise prévia do processo de tombamento do Cine Palácio Campo Grande nos permite perceber que a iniciativa de tombamento do cinema parte do presidente da Rio-Arte senhor Tertuliano dos Passos em um ofício datado do dia 11 de outubro de 1990, sendo que o cinema foi fechado no dia 29 de setembro de 1990. A justificativa para o pedido de tombamento é bastante objetiva e se justifica pela carência de equipamentos culturais na região: “e que constitui um bem imprescindível para a região, já tão carente de espaços culturais”.

É verdade também que outras salas de cinema na cidade foram tombadas, mas diversas outras desapareceram, muitas localizadas nos subúrbios da cidade, outras no centro e nas zonas norte e sul não tiveram a mesma sorte que o Cine Palácio Campo Grande. Podemos constatar a partir do documentário *Rio de Cinemas* (2000) a enorme quantidade de cinemas existentes em todos os cantos da cidade até a bem recente década de 1980, quando a grande maioria fechou. Alguns foram demolidos, outros viraram templos evangélicos, outros supermercados, tantos outros se tornaram estacionamentos ou simplesmente encontram-se abandonados. No entanto, o processo de intervenção governamental demonstra que o tombamento de um ou outro imóvel por si só não garante e não representa efetivamente uma política de patrimonialização (a manutenção de práticas culturais originais), mas talvez ações isoladas, escaramuças de preservação.

Neste contexto Jeudy (2005) nos ajuda a compreender como funciona o que ele chama de maquinaria patrimonial, a busca constante para tudo preservar. O que mais chama a atenção está na relação entre o que patrimonializar e a compreensão que uma determinada sociedade possui dela mesma, como as estratégias de conservação estão associadas a um processo de reflexividade acabando por dar sentido e finalidade ao patrimônio.

O que se preserva é o que em tese representa ou possui um significado para determinada sociedade, ou seja, a geração do patrimônio está associada ao fato de que uma

sociedade veja nele um reflexo de si mesma e esta estratégia que incita a patrimonialização acaba por consistir em promover visibilidade pública daquilo que se tornou patrimônio.

O que fundamentalmente justificaria então o tombamento de um cinema de rua localizado num bairro distante do centro do Rio de Janeiro? Por que este é tombado em detrimento de outros também importantes e significativos para as suas regiões, e para seus frequentadores? As respostas para essas e outras questões representam o desenvolvimento da pesquisa que realizamos no Programa de Pós-Graduação em Memória Social na Unirio. Questões que podem ser associadas também a uma discussão muito mais ampla sobre as políticas de patrimonialização desenvolvidas a partir principalmente da década de 1980, que contribuem para as atuais políticas de tombamento, debate amplo que nos coloca de frente para a importância ou não da preservação e de seu significado para a sociedade e seus diversos grupos.

A modernidade refletida no cinema e na cidade

No documentário *Rio de Cinemas* é possível perceber que o crescimento das salas de cinema se confunde com o crescimento das cidades. Se no final do século XIX as salas de projeção estavam limitadas ao centro da cidade, em meados do século XX o cinema já era há muito tempo uma realidade nos subúrbios, mesmo os mais distantes do centro do Rio de Janeiro, e representavam um espaço importante para uma grande parte da população. Nesse contexto percebemos que existe uma relação muito complexa entre cinema, a cidade e a modernidade.

Esses três elementos que destacamos, compõem um tripé que nos ajuda a compreender diversos aspectos da vida urbana e permite-nos, ao relacioná-los construir análises significativas sobre os mesmos. Como podemos observar em Ribeiro:

A modernidade também não se representa fora do espaço da cidade, da circulação das mercadorias e dos corpos, do treino dos estímulos e dos olhos, do exercício do consumismo. A metrópole moderna ira surgir assim, como campo de luta para a definição do papel do indivíduo, alguém que emerge com uma nova proposta histórica: a instalação de um novo espírito. (RIBEIRO, 2005:107)

Cidade e modernidade fazem aqui parte de faces da mesma moeda, onde a moeda é o indivíduo marcado pela existência de novas significações, de novos sentidos no interior do espaço urbano ocupado por ele e conseqüentemente por uma multidão que se aglomera nas ruas, nas fábricas nos espaços públicos, enfim uma multidão que também recebe as influências das mudanças que nascem com o advento da modernidade. É assim que nascendo no interior das cidades, o cinema é um

dos equipamentos representativos das formas de vivenciar a modernidade e a vida hiperestimulada dos centros urbanos.

Parte do panorama urbano, as salas de cinema funcionavam como escape das tensões, treino para apreensão de uma nova realidade que se faz nervosa e implica um controle dos olhos, de novos estímulos, do corpo e da nova subjetividade consumista, algo construído a partir da familiaridade com outras práticas realistas. Dentro deste panorama, as salas de cinema pressupõem uma capacidade de imersão e leitura adquirida nas diversas formas de ver das massas do final do século XIX, desde então buscando através dessas formas, capturar o efêmero e o instantâneo. (RIBEIRO, 2005:107).

Neste contexto de afirmação do cinema como um elemento intrínseco do surgimento das cidades modernas, seu função no espaço urbano possui um papel muito mais importante e significativo do que meramente um espaço de lazer e diversão constitui-se num espaço de construção de sentidos, de apreensão de uma nova realidade.

A ocupação das ruas pelos cinemas diversos, espaços que lentamente vão espalhando seus tentáculos pela malha urbana, seja nas áreas nobres, seja nos espaços dos subúrbios, áreas mais afastadas dos centros urbanos. Cinemas com capacidade para milhares de pessoas, salas que podiam chegar até 5.000 lugares, espaços significativos nos permitem associar sua grandiosidade ao próprio movimento de crescimento das cidades.

Caiafa (2007) nos chama a atenção para o esvaziamento das ruas, um fenômeno que nos revela uma nova face dos espaços urbanos tão característicos pela aglomeração e populacional, mas que vem sofrendo um constante esvaziamento principalmente nos espaços de contato, sendo os cinemas de rua uma das vítimas deste processo. É claro que o esvaziamento dos cinemas de rua no final do século XX pode ser explicado por outros fatores, entre eles o econômico. Porém as mudanças ocorridas nas relações humanas, nas grandes cidades, onde a busca pelo isolamento é cada vez maior, a fuga de lugares públicos e das aglomerações é agravada por um estilo de vida que se desenha cada vez mais contrário a uma convivência nas ruas das cidades.

Os cinemas de rua vão desaparecendo do cenário das cidades brasileiras e em especial no Rio de Janeiro, sobrevivendo àqueles poucos que conseguem algum tipo de mecenato, seja do poder público ou da iniciativa privada. Aqueles cinemas que não conseguem esses apoios vão sendo vendidos para Igrejas protestantes, ou então sendo transformados em estacionamentos ou simplesmente abandonados.

Da mesma forma que alguns cinemas conseguem, pelo patrocínio ou pela construção de projetos culturais, se manterem, encontramos outros que conseguiram ser tombados como patrimônio

cultural, o que efetivamente não lhes garantiu continuar funcionando como cinema, o Cine Palácio Campo Grande é tombado, porém é uma Igreja Universal.

Considerações Parciais

Preservar, manter viva a lembrança de prédios, monumentos e neste caso específico o cinema, um espaço de projeção da arte, de uma arte moderna, a imagem em movimento, mais que isso um local tipicamente urbano, que cresce com e ao mesmo tempo em que a modernidade consolida o espaço das cidades, modifica as relações humanas, as relações de trabalho de ocupação dos lugares e da maneira como a obra de arte é compreendida. O que efetivamente está em jogo nos discursos do patrimônio é a preservação, compactuada com a interferência do Estado e suas políticas de tombamento.

No caso específico do Cine Palácio Campo Grande, seu tombamento pode ser um exemplo de uma determinada política preservacionista, que acaba por contribuir para a existência da memória do cinema, mais que isso a memória de uma determinada época de um determinado grupo social que pode se confundir com o cinema. Aqui o reflexo do patrimônio pode ter escapado ao desejo da sociedade de se ver espelhada, mas acaba por assim se fazer, quando ainda é possível olhar sua fachada e nela perceber que o passado, que o cinema continua ali como memória, como espelho, como certeza de que mesmo não exibindo mais filmes ou diversão, exibe tão claramente a relação daquele prédio com seu tempo.



Antigo Cine Palácio Campo Grande/junho de 2007



Antigo Cine Palácio Campo Grande/junho de 2007

Referências

BENJAMIM, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

CAIAFA, Janice. *Aventura das cidades: ensaios e etnografias*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

CHOAY, Françoise. *A alegoria do patrimônio*. Lisboa: Edições 70, 2006.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. O patrimônio como categoria de pensamento. In: ABREU, Regina, CHAGAS, Mário (Orgs.). *Memória e Patrimônio: ensaios contemporâneos*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003, p. 21-29.

JEUDY, Henri-Pierre. *Espelho das Cidades*. São Paulo: Casa da Palavra, 2005.

RIBEIRO, Leila Beatriz. *Narrativas informacionais: cinema e informação como invenções modernas*. 2005 345 f Tese (Doutorado em Ciência da Informação)—Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ, Ministério da Ciência e Tecnologia, MCT, Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, IBICT, Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Rio de Janeiro, 2005.

RIO DE JANEIRO (RJ). Prefeitura. *Plano estratégico da cidade do Rio de Janeiro. Plano regional*. <<http://www.rio.tj.gov.br/planoestrategico>> Acesso em: 16 nov. 2007

RIO DE JANEIRO (RJ). Decreto nº 9862-A, de 28 de Novembro de 1990. Determina o tombamento provisório de exemplar arquitetônico que menciona. *Publicado. D.O. Rio*, Rio de Janeiro, 03 de abril de 1991.

RIO DE JANEIRO (RJ). Processo de tombamento do Cine Palácio Campo Grande. *Instituto Municipal de Patrimônio*, Secretaria das culturas, Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro. Outubro e Novembro de 1990.

RIO DE CINEMAS. Direção: Juliana Simões, Silvia Fraiha e Nice Benedictis, 2000, son, cor. 50min. (Documentário)